

A PAZ E A TRADIÇÃO DAS PEDAGOGIAS DA LIBERTAÇÃO

*Maria de Fátima Soares Lira
Rosa Maria Guimarães Rocha*

Introdução

Dentre as várias vertentes de uma cultura de paz, apresenta-se uma tradição que responde aos movimentos sociais do chamado terceiro mundo, e que teve grande repercussão na América Latina: a conscientização sociopolítica, com base nas pedagogias da libertação (GUIMARÃES, 2011).

Neste artigo, abordaremos os fundamentos de uma educação para a paz no continente sul-americano, e a contribuição de Paulo Freire na construção de uma educação voltada para uma cultura de paz. Seu objetivo é mostrar que a paz é indispensável ao bem viver humano, que ela não é dada, mas criada e construída na busca por justiça social, e na superação de realidades sociais que não levam em consideração os direitos dos grupos menos favorecidos.

Brandão, explicando os passos do caminho criado por Freire para os círculos de cultura diz-nos que depois de aprender a aprender, sabendo como construir conhecimento, e a tratar bem dessa plantação, devemos em seguida “aprender a conviver em paz e amor com as outras pessoas. Aprender a partilhar a vida e tudo o mais [...] dentro de todo o mundo onde vivemos juntos as nossas vidas” (1940, p.85). O aprender a conviver em Freire instaura a Paz no limiar de uma educação crítico-conscientizadora que dialoga com a justiça social, voltada para os direitos humanos. Segundo Freire: “a paz se cria e se constrói na e pela superação de realidades sociais perversas [...] na construção incessante de justiça social” (2006, p.390).

O Conceito de Paz na Perspectiva de uma Educação para a Paz

Desde a experiência traumática da Segunda Guerra Mundial, a eclosão da violência e desigualdade, nosso mundo aponta para a necessidade da constituição de uma educação para a paz, com o planejamento e execução de ações que tornem os seres humanos mais reflexivos e pacíficos (JARES, 1999, *apud* GUIMARÃES, 2011, p.18)

Ana Maria Araújo Freire (1986), viúva de Paulo Freire, com base no discurso que o autor fez na Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) em 1986, faz uma crítica à guerra, o que nos leva a refletir sobre a importância da educação para a paz.

A guerra é plural por vocação, quer atingir e ceifar vidas em nome da morte dos adversários. Tem como intenção maior destruir o outro e a outra, e o mundo concreto construído pelas culturas sociais mais diversas através de milênios. Nega por sua natureza e essência [...], a igualdade entre os povos e as nações. [...] Qualquer que seja ela, atômica, bacteriológica ou armamentista, sem dúvida alguma instaura o reino das dores, dos dissabores, das crueldades, das injustiças, Nasce do desejo desenfreado de poder e de imperialismo (1986, p.389-390).

Araújo Freire observa que a agressividade se apresentou como necessária em nossas origens ancestrais, em virtude da subsistência. O tempo de existência do ser humano na Terra e seu percurso histórico mostram que essas necessidades originárias podem ser supridas hoje de outra forma. Por isso, as guerras que acontecem em nosso tempo são resultantes de uma “leitura de mundo distorcida que atrofia o desenvolvimento do potencial da grandeza humana” (ARAÚJO FREIRE, 2006, p.391).

A autora conclui que desejamos e precisamos da Paz porque prevalece no íntimo do ser, da maioria das pessoas, uma profunda humanidade, um espírito de beleza e sonhos de construção de um mundo que supera os limites humanos, exemplificados na mitologia grega de Ícaro, e, ultimamente no sonho utópico representado na Pomba da Paz, criada pela genialidade do pintor Picasso.

A expressão *educação para a paz*, de acordo com Guimarães (2011), é um conceito amplo, decorrente de variadas experiências na educação formal e não formal que originou uma diversidade de títulos. Segundo o autor, essa pluralidade de explicações para o conceito de paz, que significam para ele “promessas de luz e contos de paz”, justifica-se porque não é possível educar para a paz senão numa multiplicidade de vozes. Guimarães evoca nove tradições¹ de educação para a paz, cujas características próprias e interpelações tecem a trama de cada uma delas.

Embora o conceito de paz ainda esteja em construção e os estudiosos da cultura de paz tenham que lidar com a pluralidade de sentidos que lhes são atribuídos, as professoras Sampaio e Matos (2012) evocam, com base em Jares (2007), a compreensão da paz positiva que lida com os conflitos para superar problemas sociais e obter avanços na educação. Nesse entendimento, podemos dizer que a paz positiva não deve ser apenas idealizada, mas construída nas vivências cotidianas de sujeitos protagonistas.

A Educação para a Paz na América Latina

Segundo Andrade e Arnt, “cada caminho de Paz vai adquirindo jeitos, cores e curvas diferentes para cada nação e

¹ O conceito de tradição utilizado por Guimarães é hermenêutico: “conjunto relacionado de vivências, de horizontes de compreensão e de jogos de linguagem” (2011, p.40).

cultura, para cada comunidade” (2013, p.69). Desta forma, na América Latina a educação para a paz tem seu jeito próprio. O desenvolvimento dessa tradição (décadas de 1970 e 1980) foi associado à criação das Comunidades Eclesiais de Base e à Teologia da Libertação, ao Movimento de Educação de Base e da educação popular de modelo freireano.

Apresenta-se inicialmente como resposta à violência social por meio de um compromisso com a justiça e os direitos humanos, base da harmonia social. Está associada profundamente com direitos, comida e participação e deve contribuir para a diminuição das “manifestações de opressão e racismo, influenciando as estruturas oligárquicas pelos princípios de justiça, humanidade e compaixão” (GARCIA, 1995, p.386, *apud* GUIMARÃES, 2011, p.74). A ideia de paz a ser desenvolvida nesse contexto deve transcender o de violência militar, considerando tudo aquilo que possa impedir a autorrealização dos seres humanos.

Conforme Guimarães (2006), a importância do debate metodológico e do aprofundamento de seus instrumentos deve-se à operacionalização dos caminhos que possibilitem a efetivação de uma cultura da paz. Práticas como diálogos sobre fatos da realidade; a valorização das relações humanas no processo educativo; a tomada conjunta de decisões; a utilização da arte e do lúdico, o recurso de temas geradores e os círculos de cultura faz também parte desse método.

Os círculos de cultura da paz são, segundo o autor, uma recriação dos círculos de cultura da pedagogia de Paulo Freire (1921-1977), que foram desenvolvidos pelo educador brasileiro no Movimento de Cultura Popular do Recife, e no Movimento de Educação de Base, no final da década de 1950. Esses grupos promoviam a educação como apropriação cultural. A essência do círculo de cultura é o diálogo. Com base na discus-



são de uma palavra geradora, desenvolve-se a linguagem. A ação dialógica apresenta como características: a colaboração, a união, a organização e a síntese cultural.

Toda ação cultural dialógica que tem por finalidade a paz entre pessoas e grupos tem como suporte o desvelamento e a supressão das desigualdades. O acento participativo dialógico e democrático, e a possibilidade de dotar a educação para a paz com um rosto concreto, mostram a contribuição dos círculos de cultura para esse processo.

A ideia do círculo para a educação pela paz mostra esse espaço como aquele em que as pessoas “dizem a paz, debatendo suas visões e percepções, ao mesmo tempo em que organizam ações para sua efetivação” (GUIMARÃES, 2006, p.114). Desta forma, os círculos de cultura apresentam-se como uma possibilidade de efetivar a educação para a paz, dentro da escola, reunindo estudantes e professores, e também fora do meio escolar, articulando toda a comunidade ou segmentos específicos desta, como grupos organizados, para que sejam

Sujeitos da comunidade e não apenas indivíduos submissos é preciso participar, criar espaços de inserção social e ocupar os já existentes [...] Participação significa compartilhar, fazer parte, associar-se pelo sentimento ou pensamento. Tem, portanto, um potencial de alcance comunitário (DENZ e CAMELO, 2013, p.181).

A participação requer, segundo os autores, disponibilidade, interesse e compromisso social em relação às ações propostas pelo grupo. São inúmeras as formas de participar, conforme as possibilidades de cada um. Uma das maneiras mais utilizadas atualmente são as redes sociais, que possibilitam o compartilhamento de pensamentos, projetos e ações.

Guimarães compreende que a constituição de uma ordem de liberdade e de paz é tarefa de cada ser humano. Afirma que os direitos humanos

são conquistados! [...] Eles não se articulam no espaço da caridade ou da misericórdia, mas fundam-se no âmbito do direito. Não somos nem clientes, nem beneficiários dos direitos humanos, mas seus sujeitos e construtores (GUIMARÃES, 2011, p.72).

Por isso, uma pedagogia da paz precisa encorajar a criação de associações de base que favoreçam mudanças sociais.

A Contribuição de Paulo Freire na Construção de uma Educação para a Paz

Os fundamentos de uma Educação para a Paz, inseridos no contexto sul-americano devem muito à contribuição do educador brasileiro Paulo Freire (1921- 1997). Seus escritos discorrem sobre o modelo de educação conformista, e mostram como a educação no Brasil tem reproduzido a desigualdade, a marginalização e a miséria.

O sentido de paz defendido pelo educador brasileiro está eminentemente ligado à justiça social, que se relaciona à garantia de uma existência digna para todos, com base nas necessidades humanas. A justiça social está relacionada com iguais oportunidades para todos. Certo que a democracia não significa o desaparecimento absoluto da violência sobre os que estão “proibidos de sobreviver”, em nome da democracia e da justiça social, Freire admitiu a violência como uma etapa transitória.

Araújo Freire (2006, p.388) observa que a possibilidade de violência mencionada por Freire é baseada em princípios diferentes dos que conceituam as guerras, princípios que demonstram uma radical solidariedade com os explorados, oprimidos e esfarrapados de todo o mundo. Sua posição mais

importante foi a daquele que “lutou pela harmonia entre os sujeitos históricos, e, pela solução dos conflitos, objetivos e prioritariamente, pelo diálogo amoroso”

Freire foi contemplado em 1986 com o Prêmio UNESCO da Educação para a Paz pela sua postura de coerência, envolta de generosidade, mansidão, respeito às diferenças étnicas, religiosas, políticas; por sua tolerância autêntica diante das diversidades de posturas e leituras de mundo culturais dos homens e mulheres no mundo; por seu comportamento de cuidado ético com as vidas; pelas suas atitudes e sua incessante luta pela Paz. No discurso, em Paris, ele afirmou:

De anônimas gentes, sofridas gentes, exploradas gentes aprendi, sobretudo que a Paz é fundamental, indispensável, mas que a Paz implica lutar por ela. A Paz se cria, se constrói na e pela superação de realidades perversas. A Paz se cria, se constrói na construção incessante da justiça social. Por isso, não creio em nenhum esforço chamado de educação para a Paz que, em lugar de desvelar o mundo das injustiças o torna opaco e tentam miopizar as suas vítimas (FREIRE, 2006, p.388).

Essa afirmação aponta o importante traço que define seu trabalho na área da Educação para a Paz. Esta, não deve se fundamentar em uma visão reducionista, a partir de valores ingênuos ou em uma visão quantitativa da realidade, mas há de considerar os contextos de vida e de educação. O autor não crê em esforços denominados de educação para a Paz que não mostrem o mundo das injustiças, e que, ao contrário, tente tornar as suas vítimas, míopes.

Essa cultura de paz, de inspiração freireana, desvela, com criticidade ética, as práticas sociais injustas, incentivando a colaboração, a tolerância com o diferente, o espírito da justiça e da solidariedade” (FREIRE, 1986 *apud* ARAÚJO FREIRE, 2006, p.301). Essa educação para a Paz deverá ser

desenvolvida como propositura de uma reeducação em que os valores sejam discutidos, que o aprender a conviver insira-se no comportamento humano pelo amor, pela justiça, pela escuta, pelo olhar, pelo diálogo; e o ato de comunicação desenvolva a nossa capacidade crítica. Com base em Freire, podemos dizer que a Paz pode ser instaurada no limiar de uma educação crítico-conscientizadora, que dialogue com a justiça social, voltada para os Direitos Humanos.

Conforme Cavalcante e Camelo (2013), a essência dos Direitos Humanos é a obtenção e usufruto da felicidade de cada pessoa, constituída pelo direito à saúde, educação, segurança, cultura e lazer. Esses direitos devem ser iguados no ponto de partida, isto é, que ninguém seja melhor ou pior que o outro em virtude da cor da pele, gênero, orientação sexual, condição econômica, crença religiosa, ou ausência desta. A igualdade no acesso aos direitos humanos e sua indivisibilidade estão intimamente associados:

é preciso importar-se com o fogo no telhado do vizinho nem que seja para proteger o seu [...] A infelicidade do outro repercute em mim e os danos da pobreza transcendem o pobre (2013, p.173).

A indivisibilidade dos Direitos Humanos é traduzida na filosofia Ubuntu. Considerada por Guilherme e Everton (2013) um presente muito antigo da África para o mundo. Essa filosofia, cuja essência ultrapassa definições, pode ser compreendida através de um relato: certo antropólogo que estudava as práticas de uma tribo propôs às crianças uma corrida, cabendo ao vencedor uma cesta repleta de doces. Eles correram de mãos dadas e repartiram o prêmio entre si. Ao antropólogo atônito disseram apenas: Ubuntu. Esse termo expressa a noção de comunidade e significa: “sou quem sou porque nós somos [...] Ubuntar se refere, portanto, à ação coletiva de buscar a paz na

coletividade, pois se eu sou o que nós somos, ninguém pode ser feliz sozinho” (GUILHERME e EVERTON, 2013, p.87).

Uma educação para a Paz, com base na justiça social procura criar meios de resolução dos conflitos de forma dialógica. Constitui-se na possibilidade de aceitação, respeito e convivência com a diversidade, com base na justiça social e no valor expresso à vida humana, que se traduz no amor entre homens e mulheres, jovens e anciões, ricos e pobres.

Conforme Araújo Freire (2006), a paz tem grandes possibilidades de concretização por meio do diálogo freireano porque em sua epistemologia crítica ele mostra a intenção de atingi-la, o que é feito através do diálogo, da solidariedade e da fraternidade.

Em *Educação como Prática de Liberdade*, Freire (1987) demonstra sua intensa fé no poder de homens e mulheres de fazer e de refazer, de criar e de recriar, em sua vocação de ser mais; o que só é possível por meio do diálogo. Essas pessoas, companheiras na pronúncia do mundo, precisam chegar a um lugar de encontro onde não há nem ignorantes nem sábios absolutos, apenas homens e mulheres que, em comunhão procuram saber mais.

Para que o diálogo seja possível é preciso que haja um profundo amor ao mundo, à vida e aos homens e mulheres. A pronúncia do mundo anunciada por Freire, ato de criação e recriação, precisa ser inspirada pelo amor. A esse respeito, Grangeiro observa que:

[...] mais do que ciência, precisamos da poética do encontro humano [...] Se pudéssemos nos perceber diante de uma rede de afetos, certamente conseguiríamos desbloquear os padrões rígidos adquiridos ao longo da vida. É preciso se ter um olhar sensível para um mundo vivo, para compreender a vida e o padrão de organização dos sistemas vivos (2013, p.22).

Segundo a autora, os impulsos gregários que conduzem à identificação com o outro o instinto de solidariedade entre os da mesma espécie, relacionam-se com a afetividade. Por isso, é preciso que os seres humanos descubram possibilidades de interação, despertando para ocasiões em que possam viver com amorosidade seus encontros com o coletivo.

A pedagogia dialógica de Paulo Freire, conforme Grangeiro (2013), é um dos pilares da Educação Biocêntrica, que conduz a vivências plenas de afetividade, criando condições para o despertar das potencialidades humanas em suas relações consigo, com o outro e com a totalidade. Essa abordagem coloca a vida no centro da existência. Nela, o ser humano retira-se do seu trono de senhor do mundo, e torna-se irmão das estrelas, das árvores e de todos os seres vivos, e reconhece no outro ser humano uma pessoa plena de saberes.

Concluimos, concordando com a autora, que o tema “diálogo”, muito mais do que objeto de divulgação, seja vivenciado em todos os lugares, para facilitar a convivência humana, restabelecendo, mais e mais o direito de cada um de ser escutado e compreendido. Desta forma, a educação para uma cultura de paz encontrará ambiente propício para a formação de pessoas comprometidas com a formação de valores éticos que conduzam ao bem viver, à justiça social.

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, Cássia Regina Xavier de. ARNT, Rosamaria de Medeiros. *Direitos Humanos e Geração da Paz*. Fascículo n.5. É possível viver em paz. Fundação Demócrito Rocha. Universidade Aberta do Nordeste, 2013.
- ARAÚJO FREIRE, Ana Maria. Educação para a Paz segundo Paulo Freire. *Revista Educação*, Porto Alegre-RS, ano XXIX,

- v.2. n.59, p.387-393, maio/ago. 2006. Disponível em: <http://www.pitanguieuep.br> Acesso em: 25.05.2010.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Paulo Freire, o menino que lia o mundo: uma história de pessoas, de letras e de palavras*. São Paulo: Unesp, 1940
- CAVALCANTE, Ruth. CAMELO, Michele. *Direitos humanos e geração da paz*. Fascículo n. 11 Direitos humanos e o cumprimento das leis. O Direito à verdade e à justiça. Universidade Aberta do Nordeste, 2013
- DENZ, Cleusa. CAMELO, Michele. *Direitos humanos e geração da Paz*. Fascículo n. 12. Cidadania e participação: compromisso e responsabilidade. Fundação Demócrito Rocha, Universidade Aberta do Nordeste 2013
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática de liberdade*. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987
- GRANGEIRO, Manuela Fonseca. *Direitos humanos e geração da Paz*. Fascículo n. 2. O direito e o dever de compreender. Fundação Demócrito Rocha, Universidade Aberta do Nordeste 2013
- GUILHERME, Maria Aládia Brandão Silveira, EVERTON, Maria Socorro Brandão. *Direitos Humanos e Geração da Paz*. Fascículo n. 6. Pensar global, agir local: passos para a paz. Fundação Demócrito Rocha, Universidade Aberta do Nordeste 2013
- GUIMARÃES, Marcelo Rezende. *Apreender a educar para a paz*. Instrumental para a capacitação de educadores em educação para a paz. Goiás: Editora Rede da Paz, 2006
- _____. *Educação para a paz: sentido e dilemas*. Caxias do Sul: Educs, 2011
- SAMPAIO, Daniela Dias Furlani. MATOS, Kelma Socorro Lopes de. In MATOS, Kelma Socorro Lopes de. *Cultura de paz, ética e espiritualidade III*. Fortaleza: Edições UFC, 2012.